

A LITERATURA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES/LEITORES INDÍGENAS

LITERATURE IN THE INITIAL FORMATION OF INDIGENOUS TEACHER/READERS

Olívia Aparecida Silva

Professora do Curso de Letras/FALED- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA

E-mail: anegs@unifesspa.edu.br

Jane Guimarães Sousa

Professora do Curso de Letras/FALED – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA

Elizete Guimarães Kambéba

Graduanda em Letras/FALED da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA

Resumo: A presente pesquisa tem como pretensão discutir a literatura como instrumento para despertar o gosto pela leitura, ampliar o vocabulário e estimular o processo de compreensão e interpretação dos textos para a formação inicial de professores/leitores indígenas. Observa-se no Curso de Letras/FALED- UNIFESSPA, em São Félix do Xingu- PA, a dificuldade dos alunos (professores em formação inicial) indígenas no domínio da Língua Portuguesa, enquanto segunda língua. Acredita-se que a leitura de textos literários possibilitará o conhecimento das estruturas linguísticas da língua Portuguesa e suas relações de sentido e, assim, favorecer maior autonomia ao discente indígena diante do conhecimento. A relação precisa entre a palavra e o seu significado será estimulada pela leitura e a interpretação de textos literários. Tal preocupação resultou em um projeto de ensino, que recorre à literatura como uma forma de tentar superar as dificuldades encontradas pelos alunos indígenas (futuros professores) em relação à língua portuguesa, vinculado ao Programa de Ensino e Apoio a Permanência dos Acadêmicos Indígenas do Instituto de Estudos do Xingu - PEAPIEX. É interessante observar que os estudantes/professores em formação inicial, em geral, têm dificuldades em ler corretamente, compreender e interpretar o texto lido, não apenas o discente indígena, o que tem levado às escolas a ofertarem oficinas para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos na educação básica. Em relação aos indígenas, deve ser considerada a dificuldade em se adaptarem a uma nova estrutura de língua muito mais complexa que a língua materna. O fator cultural, a metodologia aplicada no ato de repassar o conhecimento também contribui para que o aluno na graduação se sinta diante de um desafio maior. Acredita-se, ainda, que para despertar o gosto pela leitura na formação inicial desses professores/estudantes indígenas deve-se levar em conta como será o encontro entre o leitor e o texto, procurando sempre estabelecer uma relação dele (leitor), texto e o mundo. Para tanto, recorrer-se-á a textos teóricos sobre leitura que possam contribuir com as discussões suscitadas.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Formação inicial de professores indígenas. Formação de leitores indígenas. Leitura.

Abstract: This research aims to discuss literature as a tool to awaken a taste for reading, expand vocabulary, and stimulate the process of comprehension and interpretation of texts for the initial formation of indigenous teacher/readers. Observations at the Letras/FALED-UNIFESSPA course in São Félix do Xingu-PA reveal difficulties faced by indigenous students (initially training teachers) in mastering the Portuguese language as a second language. It is believed that reading literary texts will enable knowledge of the linguistic structures of the Portuguese language and their relationships of meaning, thus favoring greater autonomy for the indigenous student in the face of knowledge. The precise relationship between the word and its meaning will be stimulated by reading and interpreting literary texts. This concern resulted in a teaching project that resorts to literature as a way to overcome the difficulties encountered by indigenous students (future teachers) in relation to the Portuguese language, linked to the Programa de Ensino e Apoio a Permanência dos Acadêmicos Indígenas do Instituto de Estudos do Xingu - PEAPIEX. It is interesting to note that students/teachers in initial training, in general, have difficulties in reading correctly, understanding, and interpreting the read text, not only indigenous students, which has led schools to offer workshops for the development of reading competence in basic education. Regarding indigenous people, the difficulty in adapting to a new language structure, much more complex than their mother tongue, must be considered. The cultural factor, the methodology applied in passing on knowledge, also contributes to the student feeling faced with a greater challenge in graduation. It is also believed that to awaken a taste for reading in the initial formation of these indigenous teacher/readers, one must consider how the encounter between the reader and the text will be, always seeking to establish a relationship between the reader, text, and the world. To this end, theoretical texts on reading will be used to contribute to the discussions raised.

Keywords: Literature. Teaching. Literature in the initial formation of indigenous teacher. Literature in the initial formation of readers.

Introdução

No princípio era o Verbo, e o Verbo se fez homem (João, cap.1).

Ao se ter como referência a Bíblia sobre a criação do mundo, segundo a perspectiva judaico-cristã, o verbo surgiu através de um ato de fala, que se torna ação e realização. Ainda hoje a palavra, seja ela em suas diversas manifestações, é o princípio de tudo. Sua relevância no mundo é fundamental para a existência do universo. Assim, nossa intenção é discutir a palavra escrita, por meio da criação literária, e sua importância na formação inicial de professores/leitores indígenas para o domínio das estruturas linguísticas da língua portuguesa, enquanto segunda língua.

Observa-se a dificuldade dos indígenas do Curso de Letras/FALED, em São Félix do Xingu- PA, em relação à língua portuguesa, diante disso, a estratégia foi à criação de um projeto de ensino voltado para a leitura de textos literários, ligado ao Programa de Ensino e Apoio a Permanência dos Acadêmicos Indígenas do Instituto de Estudos do Xingu – PEAPIEX, para minimizar ou mesmo superar esse problema. Assim, o interesse é possibilitar um maior contato com as palavras, a sua significação e, por meio delas, compreender a estrutura de textos em língua portuguesa.

Dessa forma, o propósito é estimular nesses professores indígenas em formação inicial o prazer pelo ato da leitura, da experiência de encontrar significado, de interagir, em processar o texto, estabelecendo elos entre a leitura e o seu conhecimento de vida, desencadeando processos mentais, relacionando pensamento, vida e conhecimento crítico. De acordo com Barthes (2004, p. 33), “toda leitura é penetrada pelo desejo”, mas como estimular esse desejo no estudante indígena (professor em formação inicial)? Quais os gêneros textuais seriam os mais indicados? Qual a metodologia? Para tanto, acredita-se ser necessário apresentar a textos que favoreçam uma compreensão mais próxima da sua realidade, do seu cotidiano e não extensos, como o gênero crônica ou conto. Inicialmente, buscar discutir o texto a partir de sua temática, buscando aproximá-lo desse mundo cheio de palavras, imagens, e significados que é a literatura. Serão nos textos que eles terão contato com o mundo feito de palavras, “com imagens, cidades, rostos, gestos e cenas” (Barthes, 2004, p.33).

Ao despertar o professor em formação inicial para o universo da leitura e seu desvelamento, por meio da compreensão e da interpretação, ele compreenderá que uma composição textual não é um amontoado de palavras, mas que cada uma delas revela um sentido a partir de um relacionar entre si, produzindo reflexões, pois a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (Candido, 1995, p. 175). Além disso, “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (Todorov, 2009, p. 23), isso porque:

Somos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo (Todorov, 2009, p. 23).

Será a leitura um importante instrumento que permitirá ao professor indígena em formação inicial revisar memórias, articular aspectos subjetivos que somente a literatura concebe ao leitor, além de lidar com a complexidade do ser humano, consciência dos valores morais, éticos, entendendo que o conhecimento contribuirá para a sua qualificação acadêmica, percebendo que ele é parte da história em uma determinada temporalidade, em um espaço social e político com valores que possam defini-lo enquanto agente de transformação. Dessa forma, será responsável por criar uma rede de relações que possibilitará mudanças significativas na sociedade dentro do seu espaço de intervenção. Para que isso ocorra, é necessário que ele seja atravessado pelo desejo do conhecimento, inspirado pelo ato da leitura.

Com pretensão de refletir sobre a leitura da literatura na formação inicial de professores/leitores indígenas, realizou-se uma revisão da literatura existente, de caráter qualitativo. Inicialmente, foi feita uma pesquisa na base SciELO e no Google Acadêmico, utilizando como descritores a leitura

da literatura, leitor, leitura acadêmica. Algumas referências de autores como: Antonio Candido, Rildo Cosson, Barthes, entre outros foram utilizadas para a composição do texto.

A literatura, o conhecimento de saberes

De acordo com Antonio Candido, em “nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação” (195, p. 175). O sujeito leitor tem acesso a uma imensidade de informações, lugares, pessoas de diferentes regiões ou nacionalidades sem nunca ter saído de sua localidade, conhecendo aspectos humanos ainda não imaginados. Cada texto lido coloca-nos diante de uma diversidade de espaços, de temas, de personagens e fatos representados a partir de uma dada realidade.

Para Rildo Cosson, a “literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo” (2009, p. 7). Ela nos ensina a interrogar, a analisar, a comparar aspectos presentes no texto e a nossa relação enquanto ser em um determinado tempo histórico e social-político. Ainda, segundo Cosson, “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em sua exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana” (2009, p. 7). Cada leitura nos coloca diante de um universo que subjetivamente possibilitará uma sensação imediata, um estabelecer de relações entre o texto e uma situação vivenciada, ou observada. É possível criar outros universos inspirados pela leitura, sempre tendo como referências as experiências vividas. Durante a leitura de um texto literário, o leitor terá contato com um intrincado universo de palavras e sentidos que requer processos cognitivos complexos acionados para que a compreensão seja alcançada.

O texto literário demonstra uma realidade construída por palavras criativas, no entanto, partindo sempre de um contexto. Ao ser lido tem-se a sensação de uma vida em movimento por meio das personagens e suas ações, reflexões, em um dado momento histórico, como diz Antonio Candido ao falar de personagens, são seres humanos de papel, em uma travessia existencial pungente de emoções, sensações, desejos, desenganos, conflitos, amores, sabedorias e, por aí, vai... Todo ser humano tem a necessidade de contato com a fabulação. Os indígenas desde cedo têm por meio das narrativas orais e míticas do surgimento do mundo, do homem, da natureza seja ela vegetal ou animal. São passadas de geração a geração.

Recorrendo a Candido:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (1995, p. 8).

O contato com as narrativas míticas na formação dos povos originários é uma forma de estabelecer uma ligação com o sagrado¹, ela acontece desde muito cedo, enquanto ensinamento. Desta maneira, a literatura, na segunda língua, pode ser compreendida não como sagrada, mas como uma forma de compreender o presente e aproximá-los de uma cultura que cultua valores e formas de pensar diferentes. Favorecendo a “dar forma aos sentimentos e à visão de mundo” por meio das palavras que ainda soam com significados parcialmente desconhecidos. A intenção sobre a perspectiva de leitura, enquanto nível, tendo como referência o que nos diz Barthes (2004, p. 32), “não há como fechar a lista”, pois são vários níveis, interessa-nos, inicialmente, que a leitura alcance a compreensão da palavra escrita no sentido tanto conotativo quanto denotativo, como também das imagens e sua significação cultural. As questões estéticas e formais poderão ser discutidas e compreendidas em um momento posterior quando as dificuldades relacionadas ao conhecimento linguístico e a estrutura textual forem superados.

A leitura de um texto se realiza a partir do instante em que os sentidos das palavras conduzirem o leitor para o estabelecimento de relações entre o texto e o conjunto de experiências

1 Não é intenção de o presente texto discutir ou conceituar narrativas míticas ou o mito.

guardadas pela memória. Assim, o despertar da consciência crítica pode ser considerada presente no ato da leitura. Domina-se a estrutura de uma língua quando é possível, em um movimento interno dos sentidos, compreender a relação palavra, texto, sentido e contexto.

Esse nível de leitura para os leitores indígenas é o que se espera alcançar. Ultrapassar as dificuldades em relação à língua portuguesa, enquanto segunda língua, é o objetivo proposto, principalmente, porque esses estudantes serão professores. Percebe-se, durante a leitura, que a transitividade entre as palavras e sentidos realiza-se de forma fraturada, não flui de forma verticalizada. Muitas vezes é necessário auxiliar durante a leitura do texto para que ocorra a compreensão possível.

Acredita-se que eles não conseguem ainda fazer o movimento direto da palavra e o sentido na língua portuguesa, ou seja, a palavra percorre primeiro o sentido na língua materna para depois situar-se no interior da língua segunda. Daí a necessidade do exercício da leitura para automatizar a palavra e o seu sentido na segunda língua sem fazer esse percurso entre um universo linguístico e o outro, e construir os sentidos do texto relacionando-os as suas experiências e saberes.

Possibilitar a compreensão leitora dos acadêmicos indígenas é o desafio a ser superado. As estratégias a serem utilizadas são sempre procurar estimular o leitor a interrogar o texto a partir da decodificação das palavras e estabelecer relações entre o texto e o contexto, favorecendo o entendimento entre uma palavra que chama outras palavras, relacionando o cotidiano, seja o da cidade, ou o da aldeia. As experiências vivenciadas formam o conjunto de saberes que compõem o universo de conhecimento em forma de palavras. Esse conhecimento deve ser acionado para o desvelar do texto, ainda, despertar no leitor indígena a curiosidade e o gosto para a realização da leitura para que essa seja uma atividade contínua.

Para Antonio Candido a literatura estrutura-se a partir de uma dada combinação/estruturação de palavras:

(...) são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Quando digo que um texto me impressiona, quero dizer que ele impressiona porque a sua possibilidade de impressionar foi determinada pela ordenação recebida de quem o produziu (1995, p.7).

Acredita-se que a literatura determinada pela sua organização seja o meio pelo qual a sensibilidade possa provocar sentimentos e desejos de ordens diversas, daí ela será um instrumento importante no ato de formação de leitores. A sua possibilidade de comunicar alguma coisa que impressiona, que mexa com os sentidos, remetendo o seu provável leitor a lugares que a memória guarda como ponto sensível acionado pelas lembranças é a forma de impactar e tornar cúmplice desta durante o ato de leitura. Para que a formação de leitores indígenas seja bem sucedida dependerá do respeito à temporalidade cultural e linguística, do processo de escolhas, pelo texto que será utilizado, depois pela forma como será conduzido o contato entre o texto e o leitor e a automaticidade das emoções que poderão ser suscitadas.

Livros a espera de leitores

Vivemos em um mundo marcado por diferentes formas de linguagem, influenciando negativamente no hábito da leitura. O curso de Letras e os demais cursos de licenciaturas que constam em suas estruturas curriculares conhecimentos que implicam em leituras significativas têm observado cada vez mais o declínio do interesse pela leitura, principalmente quando se trata dos clássicos universais.

Diante desse cenário desfavorável, importa em encontrar mecanismos que estimulem o ato da leitura, despertando o prazer em interrogar o texto; sendo ele literário, estimular a sensação de perplexidade por um personagem, por uma ação, por um mistério sem indícios aparentes, sem preocupar-se em discutir as estratégias narrativas que o autor está recorrendo para possibilitar o

interesse pela fabulação. Deve-se buscar incentivar a discussão inicial a partir do tema, dos conflitos, da relação texto/contexto, fazer um breve resumo dos acontecimentos, seguindo uma linearidade.

Tudo isso dialoga diretamente com a concepção de leitura com foco na interação autor-texto-leitor, por possibilitar ao leitor o diálogo com o texto, pois seu “sentido é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação” (Koch; Elias, 2021, p. 11). Ao discutir sobre práticas de leitura, é necessário levar em consideração uma concepção de língua. Para Marcuschi (2005, p.22), a língua é “fundamentalmente uma atividade interativa (dialógica) de natureza sócio-cognitiva e histórica”. Para essa concepção:

A leitura é pois uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, nos requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (Koch; Elias, 2021, p. 11).

Assim, o professor ao optar por essa concepção de leitura estará constituindo leitores ativos que se constroem ou são construídos no texto “considerando o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores” (Koch; Elias, 2021, p.10-11). Dada as experiências de prática leitora durante aulas e oficinas direcionadas aos acadêmicos indígenas na universidade (professores em formação inicial), compreende-se que a concepção dialógica da linguagem e do texto auxiliará esses discentes/professores em formação inicial na compreensão e percepção do texto literário, pois por serem advindos de uma tradição de narrativas orais e particularmente curtas, os leitores indígenas² demonstram resistência às narrativas longas, por isso é necessária uma escolha criteriosa das leituras literárias que estimulem o exercício da reflexão, sem, no entanto, serem extensas e com abordagens que possam estabelecer relações com leituras anteriores, discutam valores humanos, aspectos culturais, sociais entre outras questões que favoreçam a relação entre a leitura e o seu conhecimento de mundo.

Para Kleiman,

Ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas. A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico (Kleiman, 2011, p.16,17).

A leitura representa uma porta da liberdade do exercício do pensar, de emocionar-se com alguma cena que leve a sua memória a visitar lembranças inusitadas ou esquecidas, de abertura para uma visão social crítica; é um olhar que percorre as linhas do texto e ao mesmo tempo mexe com os sentidos favorecendo sensações. É o cruzamento entre o externo e o interno: o mundo com suas manifestações conhecidas e revisitadas pela memória recente ou passada e os sentimentos suscitados.

Retomando as palavras de Antonio Candido (1995), a literatura nos humaniza e requer do leitor o entregar-se ao texto, deixar-se levar pelo encantamento das palavras, a fruição. Para tanto, é necessário reconhecer em cada palavra a sua significação e a sua relação com outras palavras, outros textos, outros conhecimentos letrados ou de mundo envolvendo experiências diversas.

Dessa forma, é importante considerar que o leitor deve ter um conhecimento prévio, também compreendido como conjunto de noções e conceitos sobre o texto (Kleiman, 2011, p. 16) favorecendo a apreensão do sentido. O domínio textual será obtido quanto mais o leitor tiver acesso a diversos tipos de textos. Sua familiaridade com a leitura permitirá maior facilidade no

2 Do curso de Letras do IEX.

processo de decodificação e da compreensão. Ainda, segundo Kleiman, “o conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para chegar ao momento da compreensão” (Kleiman, 2011, p.26). Daí ser importante, na escolha dos textos para o leitor indígena, levar em conta leituras que possam estabelecer relações com suas experiências na aldeia, seus valores culturais, considerando suas limitações diante de uma segunda língua.

A importância do texto literário para a formação inicial de professores indígenas/ e de leitores reside em favorecer o conhecimento do outro, ou mesmo reconhecer-se enquanto o outro na experiência do ato da leitura, vivenciando emoções em situações de nuances diversas. Originários de uma cultura onde a dança, o canto, viver em liberdade ligados à natureza enquanto parte inerente de sua existência, a leitura do texto literário, que trata de uma realidade tão diversa, possibilitará um conhecimento que ampliará sua visão de mundo, enriquecendo suas experiências.

O desconforto inicial diante de uma língua com estrutura mais complexa, poderá ser um desafio a ser vencido, a literatura servirá como meio que intermediará o processo. É importante considerar que poderão ser utilizados, durante superação das dificuldades encontradas em relação à língua portuguesa, leituras de textos de autores indígenas, tais como de Ailton Krenac, Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, entre outros e outras que abordam temáticas importantes nesse diálogo cultural, na preservação da memória e como forma de resistência que atravessa séculos desde a colonização.

Advindos de uma cultura em que a oralidade³ é fundamental na permanência de costumes, normas, valores culturais, narrativas míticas, os indígenas Mebêngôkre Kayapó têm, inicialmente, não apenas a barreira linguística na universidade, mas também a cultural. A oralidade para eles tem:

[...] um papel político, cultural e educativo na (re) construção de sua história e cultura; ela está ligada diretamente à valoração de suas memórias, de seus saberes, de suas formas de pensar e de estar no mundo, constantemente em mudanças (Santana; Santana, 2019, p.322).

A oralidade entra como fator determinante para a manutenção de sua língua e cultura, mas na universidade as atividades que visam a oralidade, em determinados momentos, são estigmatizadas devido ao receio do racismo linguístico. Outro fator que deve ser observado, analisado e respeitado é temporalidade⁴ indígena, pois essa influencia, de certa forma, na realização das atividades acadêmicas. Sobre a concepção de tempo, o autor Rodrigues (2019) afirma que existe uma diferente entre tempo para a sociedade não-indígena e para a sociedade indígena:

as sociedades ocidentais veem o tempo como um inimigo para nossas atividades rotineiras (pois o tempo é compreendido como linear e irreversível) e tal concepção dificulta nosso entendimento da relevância existencial de ter tempo para atividades que realmente nos encham de alegria e de prazer. Por outro lado, as sociedades indígenas utilizam seu tempo em atividades que para os brancos seriam desnecessárias, como a ornamentação e o embelezamento dos objetos de uso cotidiano produzidos por específica etnia (Rodrigues, 2019, p. 76).

Diante dos desafios impostos pela barreira cultural e linguística, bem como pela temporalidade indígena, compreendemos que a literatura surge como uma ferramenta potente para ampliar o vocabulário e presentificar contextos diversos por meio da subjetividade literária. Isso, porque, ela influencia positivamente na forma como interagimos socialmente, facilitando a

3 A tradição oral pode ser considerada como a base da transmissão do conhecimento de uma geração para a outra dentro das comunidades indígenas (Saraiva, 2020, p.225).

4 Se encarmos o tempo enquanto elemento natural, poderemos entender as diferentes concepções que o tempo tem para as mais diferentes sociedades. A compreensão atual do homem branco em relação ao tempo é caótica e desajustada. As sociedades indígenas latino-americanas nos mostram que as relações deles com o tempo são ensinadas e aprendidas através de seus mitos (Rodrigues, 2019, p. 75).

comunicação e o entendimento mútuo.

Apesar de termos uma concepção de que a leitura é uma atividade individualizada, Cosson observa que:

O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece (2009, p.29).

Permite compreender que apesar de ser individualizada, a literatura, por meio da leitura, promove a inserção do indivíduo na sociedade, com uma atuação de diálogo, portanto com uma consciência crítica que faculta encontrar-se enquanto sujeito entre outros sujeitos. Ainda, o texto oferece a possibilidade de diálogos e trocas: o texto estará sempre aberto a uma multiplicidade de trocas.

A literatura sempre está à espera de seus leitores, pois é sua forma de sobrevivência, mas qual literatura nos interessa enquanto formação para os leitores indígenas? Conforme comentário realizado, tendo em vista os aspectos linguísticos e a linguagem acadêmica, é interessante contemplar para os acadêmicos indígenas textos mais curtos, a crônica seria o gênero literário mais próximo, em relação à extensão. Ela sempre apresenta situações nas quais o humor se instaura como uma forma de garantir o entretenimento, no entanto, seu papel vai além de “prender” o leitor pelo riso, pois se faz necessário estimular a criticidade em fatos aparentemente corriqueiros. O processo de formação de leitor crítico vai além de compreender o entrelaçar das palavras em uma linha contínua, perceber o que não está dito, mas aparentemente velado, significa que o discente leitor, adentrou no espaço da significação. Infere-se, assim, que a leitura está interagindo enquanto elemento transformador na formação do leitor, conseguindo ir além da aparência presente no espaço da enunciação.

Durante a prática de leitura, o leitor deve compreender que:

O mero passar de olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos, mas que certamente não explicita tudo o que seria possível explicitar (Kleiman, 2011, p. 26).

Trabalhar a leitura vai além das palavras apresentadas no texto, exige do leitor um mergulhar para si e para o mundo. Nesse sentido, contemplar gêneros textuais, discursivos e literários, como o conto e a fábula enquanto proposta de intervenção na formação dos leitores indígenas pode ser um caminho para o desenvolvimento da prática leitora desses discentes.

Importa “notar que a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura” (Kleiman, 2011, p.35). Tendo como propósito a autonomia no ato da leitura frente ao texto proposto, na segunda língua, para os indígenas, deve-se considerar temas que reflitam na enunciação discursiva uma realidade transitiva entre a formação acadêmica e a humana; a figura existente entre o texto e o leitor, o intermediador, terá um papel relevante durante o processo de condução do conhecimento pretendido.

Sobre o desencadear de sentidos ao leitor, e também sobre compreender a importância dos textos literários na formação leitora, Rildo Cosson chama atenção sobre o processo de escolha dos textos que serão utilizados na proposta de formação de leitores, para o autor:

(...)têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte de nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque, admitindo ou não os críticos, haverá sempre um

processo de canonização em curso quando se seleciona textos (2009, p. 34).

Tal discussão é complexa, pois compreende-se que o cânone sempre foi representado a partir de um processo de exclusão, tal como a literatura de autoria feminina, a literatura nomeada periférica, dentre elas estão as narrativas indígenas e muitas outras que compõem uma lista numerosa. Dessa forma, o critério de escolha do cânone na perspectiva da necessidade de entender a história por meio da literatura, recusá-la, reformá-la ou ampliá-la não se justifica. No entanto, é preciso lembrar que existem cânones e cânones. Machado de Assis, Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, compõem uma lista de matrizes ficcionais que é extensa. A estratégia é a escolha de textos que atendam aos interesses da pretensão proposta na formação de leitores, não se perdendo a rótulos.

No caso específico do Projeto de Leitura para a formação de leitores indígenas por meio da literatura, o processo de escolha atrela-se a uma necessidade cujo objetivo, em um primeiro momento, está em possibilitar a decodificação das palavras que compõem a enunciação literária, na qual só será possível a inserção desse leitor no mundo das reflexões críticas quando o elemento básico for alcançado. Assim, o processo de formação se dará de forma gradual, etapas e etapas que serão transpostas para passar do simples ao mais complexo.

Dessa forma, a proposta inicial tem como pretensão trabalhar com crônicas e contos contemporâneos curtos que tratem de temas que tenham alguma relação com a questão cultural dos indígenas ou propicie reflexões sobre o homem, só, posteriormente, será colocado como relevantes fazer uma abordagem ideológica.

Poderá haver textos que não será possível fugir de uma discussão reflexiva abordando aspectos ideológicos e históricos, devido à temática principal. Há algumas opções que estão sendo realizadas, como a leitura de narrativas Kayapó que tratam do surgimento do homem, da plantação, do fogo, entre outras. São textos míticos, que eles já ouviram e têm conhecimento da história. O interessante da leitura das narrativas é a possibilidade da leitura ser possível na língua portuguesa e na língua Mebêngôkre kayapó, isso porque a publicação é bilíngue e, com isso, eles conseguem identificar problemas estruturais na tradução para a língua materna. Os demais textos seguem os critérios já evidenciados.

Considerações finais

A leitura da literatura na formação inicial de professores/leitores indígenas é uma proposta que significa uma travessia no mundo das palavras em busca do conhecimento. Ela também pode ser estendida a outros acadêmicos/professores em formação inicial. A prática da leitura além de ser considerada uma prática social, permite não apenas o decodificar das palavras, mas estimula a imaginação do leitor, possibilitando a multiplicidade de sentidos a partir da subjetividade daquele que lê.

Compreender as estruturas da segunda língua por meio da leitura da literatura implica em também decifrar um mundo criativo com meandros que podem nos levar a reconhecer o que somos e como somos enquanto indivíduo dentro de um grupo social. Passamos a reelaborar nosso olhar sobre o universo e internamente nossas inseguranças em um mundo cada vez mais com fronteiras “líquidas”. Nossas experiências se cruzam com outras experiências contadas por meio das palavras criativas.

Por fim, a leitura da literatura enquanto processo formativo, possibilitará ao professor indígena em formação inicial o desejo pela leitura, a autonomia, um elemento essencial para a permanência desses discentes na universidade, além do mais, a ampliação vocabular com as metáforas, e subjetividades literárias pode auxiliar no processo de compreensão de textos diversos. Espera-se que o projeto contribua para o despertar a autonomia e o pensamento crítico-reflexivo acerca das coisas e do mundo, tudo isso, por meio do conhecimento de textos literários.

Referências

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2.ed. São Paulo: Marins Fontes, 2004.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora contexto, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **“O direito à literatura”**. _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre o Azul, 1995.
- CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 11.ed. Campinas: Pontes, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Ensino de Língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, A. P., BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- SANTANA,T.O.;SANTANA,G. Fontes orais e narrativas indígenas: As mônadas como possibilidade teórico - metodológica. **História Oral**,[S.L.],V.22,N.1,P.320-339,JAN./JUN.2019. Acesso em: 22 mai. 2025.
- SARAIVA, Eduardo de Souza. **Lenda e tradição oral em Legends of Vancouver, de Emily Pauline Johnson**, 2018. Dissertação de Mestrado. Acesso em: 30 mai. 2025.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 96 p, 2009. Tradução de Caio Meira.
- WALACE, Rodrigues. Reflexões Sobre temporalidades: a concepção sobre tempo de branco e tempo de índio. **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais – Ano 15 Nº37 vol. 7 – 2018 ISSN 1809-3264. Acesso em: 10 jun. 2025.

Recebido: 16 de maio de 2025
Aceite: 15 de julho de 2025